

PORO

Por outras práticas e espacialidades
Série de 13 cartazes lambe-lambe impressos
em serigrafia e afixados em locais públicos,
Belo Horizonte, MG, 2010.



OUTRA CASA FOI DEMOLIDA:

- Não tem problema, era uma casa velha
- Vai ser um lindo prédio novo
- Preservar a memória é coisa do passado
- Ponto para a especulação imobiliária
- BH, cidade em demolição

MANIFESTO

por uma cidade lúdica e coletiva, por uma arte pública, crítica e poética

PORO*

PALAVRAS-CHAVE Arte contemporânea. Cidade. Intervenção urbana.

MANIFESTO

for a playfull and collective city, for a public, critic and poetic art

KEYWORDS City. Contemporary art. Urban intervention.

Sim! Estamos correndo o risco de parecer ingênuos ou incoerentes. Como artistas, fazemos arte e não necessariamente sentido.

Trabalhamos juntos desde 2002 e a cidade tem sido sempre o grande tema dos nossos trabalhos. É na cidade que encontramos e de onde extraímos matéria poética para a construção de obras que visam, entre outras coisas, ressignificar os espaços urbanos com proposições poéticas e/ou de cunho político.

Neste texto, em forma de manifesto, desejamos apresentar um pouco de nossas inquietações em relação aos processos urbanos contemporâneos e propor um modo de fazer arte que seja mais aberto e relacional.

* Dupla formada pelos artistas Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! (Brasil); atua desde 2002 com a realização de intervenções urbanas e ações efêmeras que tentam levantar questões sobre os problemas das cidades por meio de uma ocupação poética e crítica dos espaços. *Site:* <www.poro.redezero.org>. *E-mail:* <brigidacampbell@yahoo.com.br>; <marcelonada@gmail.com>.



Porro: *Outros Setores para Brasília*. Intervenção com placas na cidade, 2013.

Uma cidade para todos

A cidade não é o lugar do consenso. É o lugar do encontro com a diferença, onde as várias opiniões, jeitos de ser e opções convivem e criam um ambiente fértil e criativo. Um ambiente de encontro com situações e modos de viver inusitados que divergem do nosso próprio modo de viver. É neste contato com a diferença que podemos crescer, respeitar e experienciar processos que nos deslocam e que nos tornam também sujeitos dos acontecimentos.

O simbólico na cidade

Os espaços educam. Espaços criativos geram pessoas criativas. Nossa paisagem faz parte do que nós somos. A cidade construída a partir de uma lógica funcionalista mecaniza a vida sem deixar espaço para a construção criativa de um imaginário livre. Por monumentos e espaços que sejam instigantes e não que representem uma cultura da militarização e do poder. Por espaços que não oprimam, mas que libertem e estimulem a experiência e a experimentação.

Em defesa do ócio. Por uma cidade lenta

O mundo de hoje parece se sustentar na ideia de que a velocidade é uma necessidade e a pressa uma qualidade. Vivemos em uma sociedade que exalta a instantaneidade em todos os processos, desde a transmissão de informações, mas também na obtenção de resultados em vários meios e sentidos.

As cidades reproduzem muitas vezes esse ideário dominante da velocidade e isso aparece no espaço público de forma a limitar a experiência do tempo. As cidades em geral não possuem espaço para o ócio, a contemplação, a perda de tempo. Os espaços urbanos são quase sempre lugares de pressa, onde o tempo “precisa” estar otimizado.

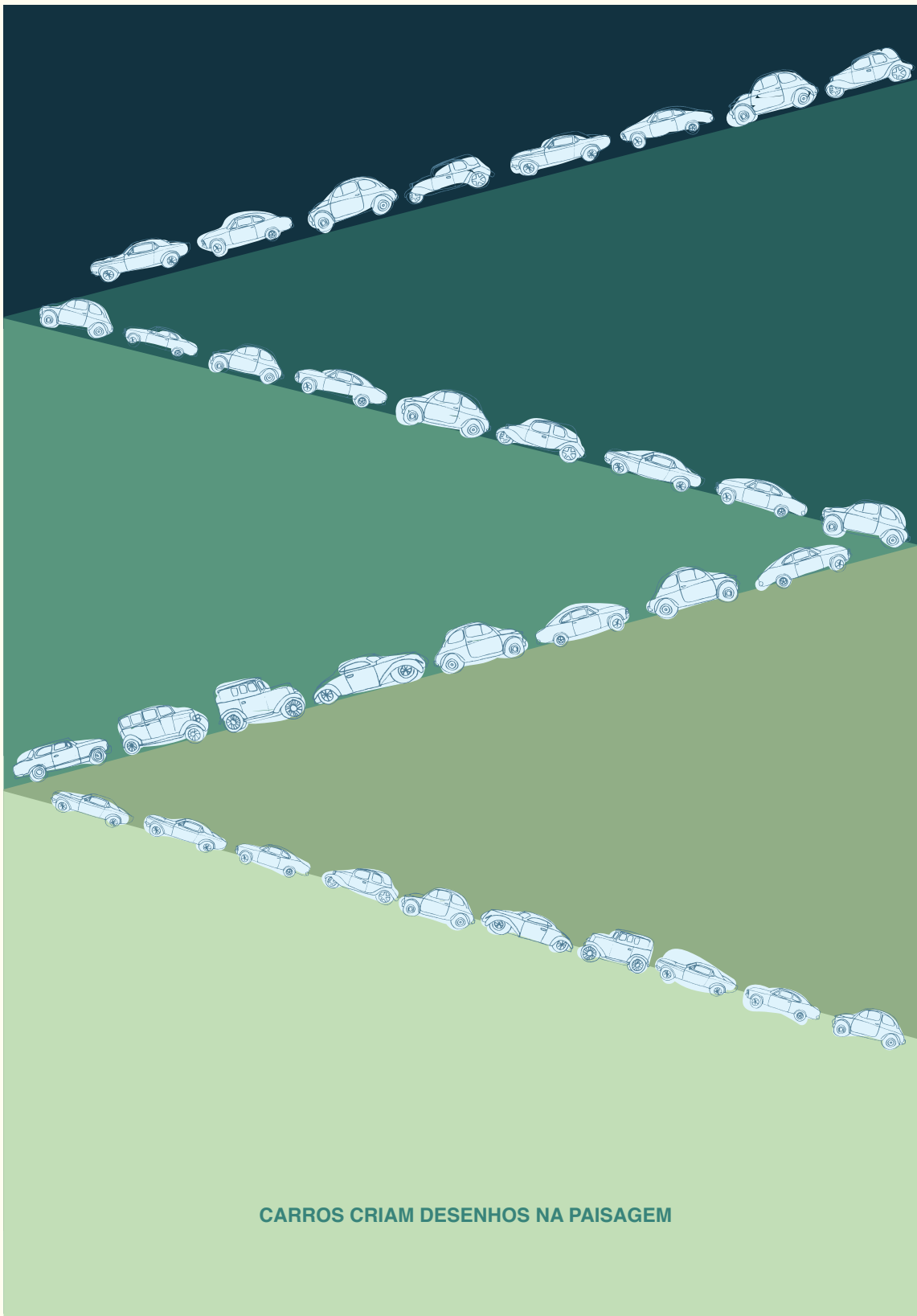
O tempo é o nosso bem mais precioso, não seremos livres enquanto não controlarmos o nosso próprio tempo. Parece que vivemos em um futuro constante, sem passado e sem presente. A pressa gera uma verdadeira epidemia de ansiedade.

Viva a borda! Desloque o centro

Uma cidade inclusiva deve proporcionar a todos modos de locomoção fáceis e ágeis, para que assim as distâncias não sejam um impedimento para a circulação das pessoas. As cidades devem incluir as periferias. Todos têm direito à experiência da cidade. Deslocar espaços e acontecimentos. Garantir o direito à circulação de todas as pessoas que vivem na cidade.

Cidadão ou consumidores

Vivemos em um momento no qual podemos perceber a tentativa de mercantilizar todas as instâncias da vida. A mídia e a cultura capitalista formam consumidores no lugar de cidadãos. Incentiva-se o consumo de coisas supérfluas de tal forma que essas coisas passam a parecer imprescindíveis. Construiu-se a ideia de que só é possível ser feliz na medida em que você consome certos produtos. Esses desejos produzidos pela publicidade são valores que não correspondem aos reais desejos das pessoas.



Porro: *Situações Brasília*. Série de cartazes, 2013.

Contra os shoppings

O *shopping* hoje é como um templo do consumo, com atmosfera controlada, onde aparentemente não existe pobreza ou tristeza. As vitrines das lojas se tornam lugares de adoração. Pais que levam seus filhos aos *shoppings* no lugar de levá-los aos parques estão produzindo futuros consumistas, pois desde cedo as crianças já desenvolvem a ideia de que comprar é uma diversão.

Contra a cultura do consumo e as praças de alimentação. Os *shoppings* fortalecem a cultura do medo, afastam as pessoas da esfera pública. Esvaziam as ruas e reduzem os momentos de sociabilidade a momentos de consumismo. Ar-condicionado, ambientes condicionados, pessoas condicionadas? A experiência do tempo desconectada do ambiente natural. Agora é de dia ou de noite? Você está em Belo Horizonte, São Paulo, Miami ou Bombaim?

Contra a publicidade

O imaginário coletivo está colonizado pela publicidade. Os espaços públicos e os meios de comunicação são cada vez mais ocupados pela publicidade. A propaganda não pode ter hegemonia de discurso sobre tudo. Só quem tem dinheiro para comprar espaços publicitários e editoriais é que pode ter voz? Não acreditamos nisso. A arte pode criar um contraponto às imagens estereotipadas da publicidade – que geram valores e uma estética baseada no consumo. Múltiplas vozes, múltiplas formas de dizer. Para pensamentos múltiplos. Para uma cidade múltipla e voltada para o coletivo.

Por uma arte não corporativa

A domesticação da arte é também uma domesticação da vida. Hoje os setores de *marketing* das empresas são os responsáveis por decidir sobre o financiamento de grande parte dos projetos artísticos e culturais. Não podemos deixar que a mentalidade corporativa defina os rumos e a identidade estética de um país.

Contra a cooptação da criatividade

A noção de “cidade criativa” tem sido usada para maquiar grandes empreendimentos imobiliários e justificar transformações que visam atender apenas a interesses econômicos de investidores e empreiteiras em detrimento das populações que vivem nas cidades. De outro lado, manifestações espontâneas e criativas sofrem repressão policial ou perseguição política. Cidades realmente criativas devem ser povoadas de invenção e comportamento crítico para perceber essa realidade e transformá-la com engajamento e alegria. Cada um e todos juntos somos responsáveis pelos rumos da cidade. Não queremos uma cidade para grandes eventos. Queremos uma cidade para todo mundo viver bem.

Porro: *Outros Setores para Brasília*
Intervenção com placas na cidade, 2013.



Porro: *Contra as palavras de ordem.*
Série de cartazes lambe-lambe impressos
em serigrafia e afixados em locais públicos,
Belo Horizonte, MG e Vitória, ES, 2006.



Por uma arte de conexão

A arte completa a necessidade criativa que existe em todas as pessoas. Acreditamos que a arte é uma forma de comunicação potente que pode servir para reconectar as pessoas aos seus processos cognitivos mais profundos e sensíveis. Além de criar conexões entre as pessoas e entre as pessoas e seu espaço. A arte pode ser um meio de gerar pensamento crítico e criativo. A arte é potente e pode ser simples. Existe muita beleza na simplicidade. O excesso de teorização impede a aproximação das pessoas em relação à arte. A arte não precisa de textos incompreensíveis. Não deve ser restrita a poucos iniciados. A arte é construção criativa e poética e deve fazer parte da vida de todos.

Por uma profundidade cotidiana

A cidade pode nos ensinar por meio da experiência coletiva. Por uma construção social dos espaços. Nosso cotidiano precisa ser vivenciado de forma livre e poética. Para nos conectarmos ao presente e experienciarmos o aqui e o agora. Por meio do que sentimos, nos transformamos. Por uma arte que se instala nos momentos ordinários.

Por uma educação do olhar

Educar o olhar e os sentidos, para aprender a ler imagens e vivenciar os espaços criticamente. Ver e pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Atravessar as aparências. Precisamos aprender a ver, imaginar. Ocupar de modo poético e inventivo o imaginário urbano. Construir outras possibilidades por meio da imaginação. Criar novas maneiras de pensar as cidades e agir em seus espaços. Trazer o campo simbólico e imaginário para o real. Precisamos criar lugares para o sonho.

Verde que não te quero cinza

Anatureza faz parte de nossa constituição. Se percebemos que as cidades atuais estão nos adoecendo, temos o direito de mudá-las. Antes que árvores centenárias sejam cortadas. Antes que áreas de preservação e nascentes virem condomínios ou mineração. Antes que este lugar fique ainda mais seco e quente.

Precisamos de ar puro para respirar. Precisamos de silêncio e lugares sem velocidade, onde podemos aproveitar o simples fato de existir. Queremos parques e jardins por toda parte. Menos carros, mais árvores. “Mais amor, menos motor!” A cidade deve proporcionar prazer.

Por uma cidade-festa

Feiras de rua, jardins comunitários, hortas urbanas, ruas arborizadas, piqueniques, conversas na calçada, intervenções poéticas, ruas para dançar. Sem atropelos, pessoas e bicicletas circulando pelos bairros. Por uma relação próxima entre as pessoas e a cidade. Pela redescoberta das praças, parques e praias. Pelo uso do espaço público como lugar de troca, festa, manifestação e encontro.

Todos devem participar da construção da cidade. Por uma cidade lúdica e coletiva!

Poro: *Perca Tempo*. Ação/intervenção urbana, 2010.

